

VOCÊ JÁ FOI À BAHIA? UMA ANÁLISE DOS COMPONENTES DE RIVALIDADE E POPULARIDADE ASSOCIADOS AO HISTÓRICO DE FUNDAÇÃO DAS AGREMIÇÕES E. C. BAHIA E E. C. VITÓRIA

Thalita Neves¹

Resumo: Considerando-se o histórico de fundação dos dois principais clubes baianos, que associa o Esporte Clube Bahia ao estereótipo de “time do povo” e o Esporte Clube Vitória ao estereótipo de “time da elite”, este artigo analisa como componentes de rivalidade e popularidade se entrelaçam discursivamente na história do BaVi. A intenção é debater as narrativas de “povo” e “elite” associadas ao Bahia e ao Vitória enquanto “tradições inventadas”, as quais seguem retroalimentadas pela cultura torcedora, pelos dirigentes das agremiações e pelas representações midiáticas, sobretudo o jornalismo esportivo. Para tanto, este artigo parte de uma revisão bibliográfica do histórico de fundação dos clubes, descrevendo as trajetórias de Bahia e Vitória sob uma ótica discursiva que contrapõe “profissionalismo” e “amadorismo” nos primórdios do futebol no Brasil, época em que esse esporte se destinava às elites sociais, visto que estas podiam “praticar amor” à modalidade, sem a necessidade de retirar seu sustento dali. Por fim, o artigo também correlaciona o histórico de fundação de Bahia e Vitória a marcadores socioeconômicos que ainda hoje balizam a disputa Nordeste x Sudeste no futebol brasileiro.

Palavras-chave: BaVi; Bahia; Vitória; rivalidade; popularidade.

Have you ever been in Bahia? An analysis of the rivalry and popularity historic components associated to the clubs E. C. Bahia e E. C. Vitória

Abstract: Starting from the founding history of the main football clubs in Bahia, which associates Esporte Clube Bahia with the stereotype of a “people’s team” and Esporte Clube Vitória with the stereotype of an “elite’s team”, this article analyzes how components of rivalry and popularity are discursively intertwined in the history of BaVi. The intention is to debate the narratives of “people” and “elite” associated with Bahia and Vitória as “invented traditions”, which continue to be fed by the fan culture, by the clubs’ leaders and by media representations, especially sports journalism. To this end, this article starts from a bibliographical review of the clubs’ founding history, describing the trajectories of Bahia and Vitória from a discursive perspective that contrasts “professionalism” and “amateurism” in the early days of football in Brazil, a time when this sport was aimed at the social elite, since they could “practice love” for the sport without having to earn a living from it. Finally, the article also correlates the founding history of Bahia and Vitória with socioeconomic aspects that still guide the Northeast vs. Southeast dispute in Brazilian football.

Keywords: BaVi; Bahia; Vitória; rivalry; popularity

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: thalitanevesufop@gmail.com

Introdução

O povo é doce, acolhedor e ruidoso, mas também dotado de certa timidez, fruto da mistura de portugueses e negros. Nesta cidade onde se conversa muito, sopra uma aragem marítima constante e o tempo ainda não adquiriu a velocidade dos grandes centros urbanos. A topografia é privilegiada: situada entre o mar e o morro, divide-se em Cidade Alta e Cidade Baixa e se abre para o mar. Jorge Amado compõe aqui um guia das ruas e dos mistérios de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, a cidade da Bahia, “negra por excelência”, fundada em 1549. [...] Além de traçar a cartografia do lugar, faz uma crônica dos costumes da população baiana: discorre sobre as igrejas, as macumbas e os terreiros, as comidas típicas, a lavagem da igreja de Nosso Senhor do Bonfim, as homenagens a Iemanjá e a São João, entre outras festas populares. O autor investiga o caráter do baiano, valorizando a mestiçagem do povo e as contradições de seu espírito libertário e conservador. Jorge Amado chama a atenção para o mistério que recobre a cidade. De onde ele vem, ninguém sabe. Dos batuques do candomblé? Dos saveiros do cais? Das igrejas? Do mercado? Da Baixa dos Sapateiros? (AMADO, 2012, s/p.).

O retrato de Salvador visto sob a ótica do escritor Jorge Amado instiga a conhecer a capital baiana, bem como seu povo e suas tradições, conforme sugere o “abre” de uma de suas obras mais conhecidas: *Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios de Salvador*, cuja primeira edição é de 1945. Esse território fielmente descrito pelo autor é a cidade mais negra do país, segundo o Censo de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)². O município onde oito em cada dez moradores são negros abriga dois dos clubes de futebol que estão entre os que mais dialogam com os marcadores de popularidade no Brasil, tendo em vista que tanto o Esporte Clube Bahia quanto o Esporte Clube Vitória são, atualmente, referências em modelo de gestão democrática (FERREIRA, 2019) e no desenvolvimento de ações que valorizam seu maior patrimônio: o torcedor.

Contudo, nos primórdios de fundação das duas principais agremiações do estado, somente o Bahia esteve associado aos contornos populares. Esses marcadores de classe, assim como a intensa rivalidade que se estabeleceu entre os clubes, são temas discutidos em profundidade na tese doutoral do pesquisador Paulo Leandro, intitulada *Ba-Vi: da assistência à torcida. A metamorfose nas páginas esportivas* (2011). Segundo o autor, o motivo que teria “lançado as bases” para a consolidação da rivalidade BaVi foi a forte influência vinda do FlaFlu do

² Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/ibge-ba-salvador-e-a-capital-mais-negra-do-brasil-e-com-a-maior-desigualdade-salarial-entre-brancos-e-pretos/>. Acesso em: 29 dez. 2023. (TRINDADE, 2018).

Rio de Janeiro, que inclusive inspiraria também a escolha das cores das camisas do tricolor e do rubro-negro baianos.

A camisa e as cores identificavam o Vitória com o Flamengo. O Bahia é chamado tricolor como o Fluminense – verde, grená e branco –, e ambos usam camisa branca. A transposição de símbolos do Rio para Salvador não foi difícil, muito embora se possa contrapor a seguinte argumentação: o perfil elitista do Vitória está mais próximo ao perfil do Fluminense. Ambos são mais antigos e fundadores do futebol em seus estados, e criados pelas elites, enquanto Bahia e Flamengo estão mais associados às camadas populares. (LEANDRO, 2011, p. 71).

No entanto, o fator mais evidente para a consolidação dos marcadores de classe na rivalidade BaVi está relacionado ao embate entre o futebol “profissional” do Bahia e a prática “amadora” do Vitória. Ainda segundo Leandro (2011), o Vitória só aderiu ao contexto de profissionalização do futebol nos anos 1950, enquanto o Bahia, “já no final dos anos 1930, operava com os conceitos contábeis de orçamento e folha salarial” (p. 91). Esse contraste, conforme o autor, teria acentuado e ampliado o antagonismo entre os dois clubes baianos, considerando-se que essas duas posições estão atreladas a valores e princípios opostos. Em 1942, apenas dez anos depois do primeiro duelo entre Bahia e Vitória, “o jogo chamado ‘pequeno Fla-Flu’ já é tido como o mais importante do futebol baiano” (p. 92). Atualmente, de acordo com o ranking dos maiores clássicos futebolísticos do mundo da revista esportiva britânica *FourFourTwo* (PARKINSON, 2016), o confronto BaVi figura como o quarto maior clássico brasileiro e o maior do Nordeste do país. Na classificação global do ranking, o confronto aparece em 42º lugar, dividindo espaço com apenas mais três duelos brasileiros: Grêmio x Internacional (8º), Flamengo x Fluminense (18º) e Corinthians x Palmeiras (23º). Em sua narrativa, a *FourFourTwo* assim descreve o confronto:

A cidade de Salvador, na costa leste brasileira, era um ponto de desembarque para o tráfico de escravos; 80% da população é de ascendência africana, e a mistura de crenças católicas e africanas criou a macumba, uma versão local do vodu. Os primeiros craques do Bahia e do Vitória faziam oferendas aos deuses africanos na tentativa de garantir a vitória, mas como destacou o técnico Neném Prancha: “Se a macumba tivesse o poder de vencer partidas, seria um empate.” (PARKINSON, 2016, s/p, tradução livre).

É a partir dessas narrativas estereotipadas sobre Bahia e Vitória, que o artigo aqui proposto analisa como componentes de rivalidade e popularidade se entrelaçam discursivamente na história do BaVi. Além de debater a origem das narrativas de “povo” e “elite” associadas respectivamente ao Esporte Clube Bahia

e ao Esporte Clube Vitória – as quais seguem retroalimentadas pela cultura torcedora, pelos dirigentes das agremiações e pelo jornalismo esportivo – este artigo pretende também correlacionar o histórico de fundação de Bahia e Vitória a marcadores socioeconômicos que ainda hoje balizam a disputa Nordeste x Sudeste no futebol brasileiro. Para cumprir tais objetivos, o percurso metodológico aqui estabelecido parte de uma revisão bibliográfica do histórico de fundação dos clubes – feita a partir de materiais que abordam o futebol (especialmente o futebol baiano) em teses, dissertações e artigos científicos vindos predominantemente das ciências sociais, bem como de produtos audiovisuais e midiáticos – para descrever as trajetórias de Bahia e Vitória sob uma ótica discursiva que contrapõe “profissionalismo” e “amadorismo” nos primórdios do futebol brasileiro, período que contempla a virada do século XIX para o XX e se estende até meados da década de 1930, quando a modalidade começa a se popularizar no Brasil.

Importa ressaltar que, nas primeiras décadas do século XX, a prática futebolística se destinava às elites sociais, visto que estas podiam exercer “amor” à modalidade, sem a necessidade de retirar seu sustento dali. Isso explica porque os estereótipos de time do povo e time da elite, derivados também do embate “profissionalismo x amadorismo” inerente aos primórdios do futebol brasileiro, não devem ser analisados de maneira atemporal ou simplesmente tomados pela imprensa esportiva e por outros agentes midiáticos como marcadores de narrativas atuais. Portanto, para além de não generalizar tais discursos, convém contextualizá-los à luz do tempo, problematizando-os, por exemplo, enquanto uma espécie de “tradição inventada” (HOBSBAWM; RANGER, 1997), isto é, como narrativa que se perpetua enquanto herança cultural mesmo que não necessariamente corresponda à trajetória contemporânea das agremiações.

“Time do povo” e “time da elite” nos primórdios do BaVi

Considerando-se o embate entre profissionalismo e amadorismo nos primórdios do BaVi, é interessante trazer a perspectiva apontada pelo pesquisador Jovino Pereira em sua dissertação de mestrado, intitulada *Futebol, de esporte amador a negócio de entretenimento e lazer em uma sociedade midiaticizada* (2003). De acordo com Jovino, apesar de o Vitória ter se associado a um imaginário aristocrata já no nascimento da agremiação – em 13 de maio de 1899 – existem alguns aspectos que sinalizam visões mais progressistas dos

dezenove jovens que lideraram a fundação clube. O autor embasa esse argumento retomando a fala de um de seus entrevistados, Luis Martins Catharino, conselheiro do Vitória, que diz que a coincidência da data 13 de maio – aniversário da Lei Áurea no Brasil – é “sintomática da postura que o Vitória sempre teve, um clube formado pela elite, mas com uma importante visão social” (PEREIRA, 2003, p. 207).

Outro entrevistado de Pereira (2003), Edson Almeida – então assessor de imprensa do Vitória – ratifica a fundação aristocrata da equipe ao explicar a origem do nome do clube, uma referência ao local onde a agremiação foi fundada, “no Corredor da Vitória, uma avenida tradicional da capital baiana, na época formada basicamente por casarões, onde residiam os soteropolitanos de maiores posses” (PEREIRA, 2003, p. 208-209). Esse aspecto também é lembrado por Raphael Carneiro no livro *BaVi - Uma paixão sem limites* (2009), no qual o autor retoma a fundação do Vitória enquanto um clube originalmente criado para a prática do cricket, modalidade que remonta ao sul da Inglaterra. Segundo Carneiro (2009), como a colônia inglesa em Salvador não dava lugar aos jovens baianos na modalidade – apenas como “gandulas” – nasceu em 1899 o Club de Cricket Victória:

Essa discriminação e o trabalho considerado de menor valor feriram o orgulho dos jovens burgueses moradores do Corredor da Vitória. Representantes da alta sociedade baiana, eles não queriam se submeter aos caprichos dos ingleses. [...] A reunião de fundação aconteceu na casa dos irmãos Arthêmio e Arthur Valente. Muito foi discutido até se chegar ao nome dado ao clube. Por causa da rivalidade com os ingleses, motivo da fundação, nomes como Club de Cricket Bahiano e Club de Cricket Brasileiro foram cogitados. Mas, prevaleceu a ideia dada por Arthêmio, de que o clube deveria se chamar “Victória”, já que a maioria de seus fundadores morava no Corredor da Victória, desde então reduto da alta sociedade baiana (CARNEIRO, 2009, p. 121).

O Esporte Clube Bahia, por sua vez, fundado algumas décadas depois, não herdou a riqueza que aparentava ter de seus primeiros atletas, vinculados à “pequena burguesia baiana” (CARNEIRO, 2009). Nos primórdios de sua fundação, em 1931, o time era composto por jogadores da Associação Atlética da Bahia e do Club Bahiano de Tênis, associados à aristocracia soteropolitana. No entanto, como o Bahia aderiu ao profissionalismo muito antes do Vitória – apesar de à época este já somar quatro décadas de existência – os contornos de popularidade no clube foram ficando mais evidentes em comparação à origem elitista que perdurava no rival. Junto disso, Carneiro (2009) aponta as ações de

marketing e outras estratégias midiáticas dos dirigentes do Bahia – mais especificamente de Osório Vilas Boas – como instrumentos que potencializaram a popularização do time de 1954 em diante. O autor traz em seu livro um depoimento do dirigente Vilas Boas sugerindo as bases aristocratas do clube, que até 1954 sobrevivia “às custas de uma meia dúzia de ‘coronéis’, gente de dinheiro”: “Quando passei a dirigir o valoroso ‘esquadrão de aço’, uma das minhas primeiras preocupações foi a de popularizá-lo, usando, é claro, o potencial já existente.” (VILAS BOAS citado por CARNEIRO, 2009, p. 17).

Carneiro (2009), ao citar o livro do jornalista Nestor Mendes Júnior – *Esporte Clube da Felicidade: Bahia, 70 anos de glórias* – salienta ainda que, antes dos esforços de popularização do time por Vilas Boas, a entrada do Bahia na cena do futebol soteropolitano serviu apenas para atizar a rivalidade com os clubes mais populares à época, Botafogo e Ypiranga – este, inclusive, que tem como torcedor ilustre o escritor Jorge Amado, cuja obra introduz este artigo. A rivalidade com o Vitória, portanto, só viria a se consolidar posteriormente, “operando uma verdadeira revolução no futebol da terra” (CARNEIRO, 2009, p. 15). O pesquisador pondera que os esforços de popularização do Bahia por Vilas Boas tinham relação com a atuação política do então dirigente enquanto vereador mais votado da capital baiana em 1950. Vilas Boas utilizava o espaço midiático obtido como político para reforçar os discursos direcionados aos tricolores. “Essa preocupação em ampliar o número de torcedores foi logo entendida como uma forma de Osório aumentar seu prestígio político.” (p. 17). O dirigente, contudo, parte do contra-argumento de que, para ele, o mais importante era mudar o perfil da torcida do Bahia:

Percebi que quando um homem do povo se dizia torcedor do Bahia, o apaixonado por outro time qualquer (Ypiranga, Botafogo etc.) indagava: “Como é que um cara como você gosta de um clube de granfinos?” A verdade é que um carregador, um “boy”, um ascensorista, um funcionário da Limpeza Pública etc., torcia era para o Botafogo, o Ypiranga. Os mais aquinhoados dividiam-se entre o Bahia e o Vitória. (VILAS BOAS citado por CARNEIRO, 2009, p. 18).

A prova de que os esforços empreendidos por Vilas Boas trouxeram resultado veio em 1957 quando o clube retornou de uma excursão pela Europa e foi ovacionado por uma multidão no aeroporto. Embora o Bahia tenha saído de Salvador sendo chacoteado pela imprensa local – devido ao abandono do patrocinador que desistiu de financiar a viagem e ao empréstimo que precisou

solicitar ao governo do Estado – o time foi exitoso em campo e conseguiu obter o dinheiro que precisava para quitar a dívida, que deveria ser ressarcida em 90 dias, e ainda retornar ao Brasil com lucro. “O dinheiro apareceu e o clube pôde enfim retornar. Não sem antes a acusação de contrabando no aeroporto de Recife. Já em Salvador, uma demonstração de carinho marcou a vida daqueles que participaram da aventura.” (CARNEIRO, 2009, p. 19).

Havia povo – mas povo mesmo, multidão – no aeroporto. As manifestações de aplausos ao Bahia constituíram-se num acontecimento inédito. Duraram das cinco horas da tarde, quando o avião chegou, até uma hora da manhã do dia seguinte, na Praça da Sé. Não esqueço que, durante o percurso festivo, passamos pela casa do Waldemar Costa, na Barra, e pelo Palácio da Aclamação, onde nos saudou o governador Antônio Balbino. Na Praça da Sé o que houve foi um verdadeiro Carnaval. Diante daquele espetáculo quem mais poderia dizer que o Bahia era um clube só de elite? Quem bancaria idiota bastante para não imaginar que seu crescimento seria – como foi – espantoso? – indaga Osório Vilas Boas. (CARNEIRO, 2009, p. 19).

Dois anos depois, os tricolores voltariam a lotar as ruas de Salvador após a conquista da Taça Brasil de 1959 – entendida desde 2010 como edição de estreia do Campeonato Brasileiro, em consequência da polêmica decisão da CBF de unificar os títulos da Taça Brasil, do Torneio Roberto Gomes Pedrosa (“Robertão”) e do “Brasileirão”³. Nessa vertente, o Bahia teria sido, portanto, a primeira agremiação do país a conquistar um título nacional e, conseqüentemente, representar o Brasil na Copa Libertadores da América. O feito foi ainda mais marcante considerando-se que a vitória tricolor se deu sobre o Santos de Pelé, após a realização de três partidas emblemáticas. Na primeira, sediada no interior de São Paulo, o Bahia venceu por 3 x 2, de virada. No jogo de volta, em Salvador, a equipe foi derrotada por 2 x 0. O título seria então decidido em uma terceira partida, conforme mandava o regulamento da competição. O jogo decisivo pela Taça Brasil de 1959 ocorreu no Maracanã, em 29 de março de 1960, mesmo dia do aniversário de 411 anos da capital baiana. Assim como na primeira partida, o Bahia venceu de virada, agora por 3 x 1, sagrando-se campeão brasileiro sobre o time que naquele momento era reconhecido como um dos melhores do mundo.

³ Detalhes dessa polêmica podem ser conferidos na seguinte reportagem do portal Uol: *O primeiro campeão do Brasil - A história do Bahia, vencedor da Taça Brasil de 1959 contra Pelé, e a unificação dos títulos brasileiros*. (VICO; RODRIGUES, 2020). Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/taca-brasil-a-historia-do-bahia-campeao-brasileiro-de-1959/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

Essa conquista expressiva do Bahia era mais um aspecto que reforçava a popularidade do clube. Vale lembrar também que o time ainda foi vice-campeão da Taça Brasil nas edições de 1961 e 1963, ambas vencidas pelo Santos. O ímpeto tricolor do início da década de 1960 foi, segundo Carneiro (2009), dando espaço ao crescimento do Vitória, o principal rival, que desde seus primórdios era considerado um time da elite. “Suas ações, como a decisão de se afastar da disputa do Campeonato Baiano por causa da presença de clubes mais populares, causavam antipatia junto à boa parte da população.” (p. 131-132). Os dirigentes do Vitória, atrelando o sucesso do Bahia à popularidade construída pelo clube, passaram, assim, a empreender esforços de popularização no rubro-negro.

Com o comando de Raimundo Rocha Pires, em 1972, o Vitória conquistou o Campeonato Baiano após sete anos de jejum e iniciou sua cruzada em busca de novos torcedores. No entanto, foi realmente sob o comando de Alexi Portela que o rubro-negro conseguiu conquistar o coração da população mais carente. Prova do feito foi o sucesso da campanha Super Vitória 76. A venda de um carnê promocional, com direito a revista, brindes e sorteio de automóveis e motos, ganhou grande apoio da mídia. O resultado não poderia ser melhor: foram cem mil carnês vendidos em apenas 18 dias. (CARNEIRO, 2009, p. 132).

Entretanto, apesar da conquista do campeonato estadual de 1972 pelo Vitória, a década de 1970 foi muito mais exitosa para o Bahia, assim como já havia sido nos anos 1960. Em 1973, o clube tricolor deu início a uma série até hoje inédita de títulos estaduais consecutivos. Foram sete campeonatos baianos conquistados em sequência até 1979. Conforme Carneiro (2009), “nesse período o tricolor já era mais do que conhecido como o time do povão” (p. 25). O autor ilustra essa afirmação relembrando uma publicidade da construtora DM-9 veiculada em 1981, que associa o operariado da construção civil à torcida tricolor. Um dos anúncios do grupo imobiliário trazia em letras garrafais: “Quando o Bahia ganha, a obra adianta. Quando perde, atrasa’. Logo abaixo, o complemento: ‘Obrigado Bahia. Este ano vamos entregar todas as nossas obras antes do prazo’.” (CARNEIRO, 2009, p. 26).

Cultura torcedora e representações sociais nas narrativas sobre o BaVi

Sabe-se que tanto as narrativas da publicidade quanto as do jornalismo fomentam diversas representações sociais atreladas aos clubes de futebol no Brasil, como a pretensa luta de classes que contrapõe Bahia e Vitória enquanto clubes “do povo” e “da elite”, respectivamente. Essa e outras disputas simbólicas estão associadas a um componente central que é a rivalidade clubística, um valor-notícia bastante caro à editoria esportiva, a qual, na visão do pesquisador Paulo Leandro (2003), por vezes é invadida pelas disputas políticas. Em sua dissertação de mestrado, intitulada *O jornalista e o cartola: o jornalismo esportivo impresso na Bahia e sua resistência ao campo da política*, Leandro investiga a relação dos jornalistas com os dirigentes de clubes que desenvolvem carreira política e se utilizam do espaço nas páginas esportivas para fins de autopromoção. Nesse caso, a rivalidade, até então clubística, ganha contornos sociais mais demarcados a partir das histórias recontadas pelos jornalistas esportivos que têm como fontes “os cartolas duelistas que desenvolvem carreira política e precisam vencer e ganhar visibilidade para expandir seus projetos de poder. Esta visibilidade é alcançada por meio da propagação destes conflitos verbais e às vezes físicos.” (LEANDRO, 2003, p. 147-148).

Ainda segundo Leandro (2003), nem sempre as notícias relacionadas às brigas entre os cartolas do BaVi, por exemplo, são relevantes do ponto de vista dos critérios de noticiabilidade do jornalismo. No entanto, “o componente de guerra simbólica dentro do noticiário esportivo rende matéria, na visão de pauta do jornalista” (p. 148), sobretudo quando a fonte em questão “arrebata o microfone e desacata um integrante do ambiente, seja um cartola rival, um árbitro ou até um atleta” (p. 148). O que o autor denomina de “guerra simbólica” pauta os mais diversos embates que despontam no âmbito da rivalidade clubística para culminar em duelos outros que extrapolam o cenário desportivo. Um exemplo, também ilustrado pelo futebol baiano, foi o corte do atacante Charles – campeão brasileiro de 1988 pelo Bahia – da Seleção às vésperas da estreia do Brasil na Copa América de 1989, fato este que, na visão dos tricolores, simbolizava a disputa Nordeste x Sudeste balizada por marcadores socioeconômicos.

Na ocasião, o Bahia era o então campeão brasileiro. O título, conquistado em cima do Internacional, no estádio Beira-Rio, dava a sensação ao torcedor de que o time era o mais importante do país. Por isso, os tricolores exigiam a convocação do atacante Charles para

defender as cores do Brasil na competição. O pedido foi atendido, Charles convocado, mas no voo para Salvador, a comissão técnica decidiu cortá-lo da delegação. Não deu outra. O clima na cidade foi de total revolta. O então presidente do Bahia, Paulo Maracajá, decidiu ir à concentração brasileira, em um hotel da capital baiana, e levou de lá o atacante para disputar uma partida pelo Campeonato Baiano. (CARNEIRO, 2009, p. 37).

Como o Bahia havia sido campeão brasileiro, com Charles na artilharia, o corte repentino do jogador soou como uma ofensa aos tricolores, que demonstraram sua insatisfação no jogo de estreia da Copa América, sediado na Fonte Nova. “O hino nacional foi vaiado, uma bandeira do Brasil queimada e a torcida passou para o lado adversário. A atitude fez, inclusive, com que o atacante Bebeto declarasse ter vergonha de ser baiano.” (CARNEIRO, 2009, p. 37-38). O dirigente Maracajá se defendeu dizendo concordar que o hino e a bandeira nacionais são intocáveis, mas que aquela atitude dos tricolores representava um desabafo espontâneo do torcedor do Bahia, que se sentiu excluído do selecionado nacional, o qual sempre foi protagonizado por jogadores dos eixos mais ricos do Brasil.

O trabalho do economista Murilo Silva (2007), intitulado *Razões econômicas para o desempenho dos clubes: o caso do E.C. Vitória e do E. C. Bahia*, levanta essa questão ao debater como o cenário macroeconômico da Bahia contribui para o insucesso dos clubes locais. O autor argumenta que os problemas econômicos do estado resultam também em uma escassez de recursos para as duas principais equipes de Salvador, criando o que ele chama de “círculo vicioso”, já que “o valor econômico dos clubes se deprecia, tornando menos atrativo para as empresas investirem nestes clubes, que por sua vez terão sempre dificuldades em competir com as equipes dos centros mais ricos do Brasil” (SILVA, 2007, p. 42).

Mas se, por um lado, está posto que existe essa discrepância em termos de competitividade e, inclusive, de representatividade midiática – justificada por fatores socioeconômicos – dos clubes mais marginalizados em comparação aos clubes do eixo central do país, por outro lado, feitos como a citada conquista nacional do Bahia em 1988 elevam a autoestima do torcedor e fazem com que a imprensa esportiva hegemônica seja obrigada a olhar para as margens. No Brasileiro de 1988, vencido contra o Internacional em Porto Alegre, muitos veículos deram protagonismo ao Esporte Clube Bahia. O jornalista Juca Kfoury,

citado por Carneiro (2009), assim descreveu a conquista na revista *Placar*, uma das mídias mais expressivas do segmento até então: “Campeão talvez porque nenhuma outra legião de seguidores mereça há tanto tempo esse título. A nação tricolor fez da paixão pelo Bahia uma profissão de fé que transforma a Fonte Nova no templo mais carinhoso do futebol brasileiro” (p. 29). Carneiro (2009) cita também a narrativa do jornalista Nestor Mendes Júnior, que descreve em detalhes a festa dos tricolores pelas ruas de Salvador após o retorno do clube à cidade:

Na quarta-feira, na chegada a Salvador, uma apoteose. Foi carnaval no Aeroporto Dois de Julho nesse 22 de fevereiro de 1989. Uma multidão calculada em 30 mil pessoas foi receber os bicampeões brasileiros. Delegações chegavam, em ônibus, de todo o interior da Bahia. O trio Dodô, Osmar e Realce animavam a torcida. Centenas de bandeiras e faixas pintam de azul, vermelho e branco o Dois de Julho. Às 13h35, quando o Boeing aterrissa, da cabine da tripulação surge uma bandeira tricolor. Era a senha para começar a loucura. Quando a porta do avião é aberta, desce um sorridente Evaristo de Macedo e depois, um a um, os heróis do Beira-Rio. Um enorme congestionamento pára a Avenida Dorival Caymmi. Já passavam das 16h e a caravana não tinha passado de Itapuã. A noite caía e o Carnaval já tomava conta da cidade. Em todos os lugares, o povo nas ruas. Em Amaralina, a saudação das baianas. No Farol, festa. Interditada entre a Vitória e a Chile, a Avenida Sete parecia preparar-se para os blocos e afoxés. No Campo Grande, mais folia. O trio Top 69 fazia balançar o chão da Praça Castro Alves, que explodiu quando tocou o Hino do Bahia na chegada dos heróis. O expediente dos funcionários municipais só durou até o meio-dia, enquanto nas empresas privadas, sem direito a ponto facultativo, muita gente não foi trabalhar. Não era feriado nem dia santo, mas naquele 22 de fevereiro, Salvador parou. Todo mundo sabe quando a festa começou, mas ninguém lembra quando ela acabou. (MENDES JÚNIOR citado por CARNEIRO, 2009, p. 28-29).

Aspectos socioculturais da Bahia e a disputa Nordeste x Sudeste no futebol brasileiro

Ainda que pese a possibilidade de a licença poética das narrativas sobre o Bahia de 1988 terem dado à comemoração tricolor uma dimensão maior do que realmente foi, tamanha exaltação do título faz sentido ao se considerar que o Bahia não era o favorito à taça, conquistada na casa do adversário. Soma-se a isso o misticismo que rondou os dois jogos dessa decisão: o jogo de ida, vencido pelo Bahia por 2 x 1 na Fonte Nova; e o jogo de volta, o empate em 0 x 0 contra o Internacional no Beira-Rio, que deu o troféu aos tricolores. À época, o torcedor Pai Lourinho, figura famosa nas arquibancadas do Bahia, ficou conhecido no noticiário esportivo por fazer “mandingas” contra os adversários que iam até a Fonte Nova enfrentar seu time. Antes do primeiro jogo da final de 1988, Pai

Lourinho repetiu o ritual contra o Inter: “Foram 11 bonecos ‘preparados’ pelo pai-de-santo tricolor. Desde o goleiro Taffarel até o ponta Edu. Todos estavam ‘amarrados’.” (CARNEIRO, 2009, p. 91).

Coincidência ou não, o Bahia venceu aquela partida de virada, com dois gols do ídolo Bobô. Depois de desfazerem da mandinga baiana, os gaúchos tentaram preparar um troco na partida de volta, a que definiu o campeão nacional daquela temporada. Um ebô foi preparado e depositado na entrada do vestiário tricolor no estádio Beira-Rio. Mais acostumados com este tipo de ritual, os baianos não se abalaram. [...] Muitos torcedores acreditam que na briga com os santos, Lourinho levou a melhor. Mais experiente no assunto, o baiano teria moral maior ao fazer seus trabalhos e não foi páreo para os gaúchos, considerados pelos tricolores como inexperientes no assunto, embora o Rio Grande do Sul lidere o ranking nacional de pessoas que se dizem adeptas da umbanda, segundo o Censo 2000. (CARNEIRO, 2009, p. 91-92).

Aqui vale um adendo para citar a socióloga norte-americana Janet Lever, que no livro *A loucura do futebol* (1983) – fruto de sua pesquisa em território brasileiro – descreve a umbanda como um dos elementos característicos da cultura popular no Brasil. Segundo a autora, a umbanda – muitas vezes confundida com candomblé e “macumba” – foi inicialmente praticada pelos escravos no Nordeste do país como uma forma de resistência à repressão dos brancos. No entanto, como os brancos se sentiam ameaçados pelos rituais umbandistas, os escravos precisaram esconder suas crenças por trás da fachada de santos católicos. Assim, “transformaram Iemanjá, a deusa do mar, na Virgem Maria, Oxalá em Jesus Cristo, Ogum em São Jorge, enquanto Exu virava Satã” (LEVER, 1983, p. 79).⁴

Além da “mandinga” envolvida no título de 1988 do Bahia, cabe ainda ressaltar a figura de Raimundo Nonato Tavares da Silva, o meia-atacante Bobô, que também ganhou bastante projeção midiática como destaque do clube na temporada vitoriosa. O próprio Bobô descreve o torcedor Lourinho como um representante da “mística baiana” e da “simbologia que a Bahia sempre teve com relação a isso” (2011, s/p.), referindo-se às crenças religiosas do imaginário da cultura popular do estado. Esse depoimento do ex-jogador está registrado no

⁴ Sobre religiões afro-brasileiras, ver o trabalho da antropóloga Yvonne Maggie em *Guerra de orixá: um estudo de ritual e conflito*, originalmente publicado em 1975. Trata-se de um estudo de caso sobre a cosmologia da umbanda, compreendida pela autora não somente enquanto crença, mas como modo de vida. (MAGGIE, 2001).

documentário *Bahêa Minha Vida*⁵, do cineasta Márcio Cavalcante (2011), que narra a trajetória do clube e a paixão de seus torcedores.

Em um dos *takes* do longa-metragem, Lourinho se encontra com Bobô na Fonte Nova e se emociona, enquanto o meia rememora os feitos do torcedor pai-de-santo: “Lourinho era um cara que passava toda uma energia da torcida pra gente, amarrava os caras, alfinetava os caras, amedrontava os caras. A mandinga funcionou bem porque nos três anos que nós jogamos – 86, 87 e 88 – ganhamos tudo.” (SILVA, 2011, s/p.). A mística religiosa também ilustra episódios envolvendo o rival Vitória, como quando, em 2004, um fotógrafo de um jornal baiano fez um “pequeno trabalho” para impedir que o Bahia retornasse à Série A do Brasileiro no último jogo do campeonato, perdendo para o Brasiliense a partida que lhe daria o Acesso em plena Fonte Nova. Essa história está registrada na obra de Carneiro (2009):

– Levei dois bonecos cheios de alfinetes. Um era o goleiro, pra ele não pegar a bola, e o outro era o zagueiro, pra dar pênalti, e um balaiozinho. Levei arruda, levei um monte de coisa lá – revela rindo. Com tudo arrumado em uma bolsa, o fotógrafo chegou mais cedo à Fonte Nova e correu para uma das traves para depositar o trabalho. Sem que ninguém percebesse, deixou tudo em um canto. O material só foi percebido por uma emissora de televisão e pelo árbitro da partida, que retirou tudo de lá. Para não levantar suspeitas, o fotógrafo ainda fez algumas fotos do trabalho para entregar no jornal. – O juiz tirou, mas eu fui lá e coloquei de novo. Se tivessem me visto na hora não iria ter problema nenhum, eu falava que foi alguém que pediu para colocar aqui – afirma. (CARNEIRO, 2009, p. 200).

Efeito da “mandinga” ou não, o Bahia não só perdeu a oportunidade de retornar à Série A naquele ano, como ainda amargou mais seis temporadas fora da primeira divisão, chegando inclusive a cair para a Série C em 2005, retornando para a Série B em 2007, o ano mais trágico da história do clube, devido ao acidente ocorrido na Fonte Nova que deixou sete vítimas fatais. Na ocasião, durante a partida disputada pela Série C entre Bahia e Vila Nova, parte de uma estrutura de concreto da antiga Fonte Nova cedeu, abrindo um buraco na

⁵ O documentário *Bahêa Minha Vida* é um longa-metragem lançado em 2011 e dirigido por Márcio Cavalcante. Conforme consta em sinopse: “Muito mais do que um documentário sobre o lendário Bahia Football Club, este filme traz à tona a bruxa das glórias e tristezas de sua fenomenal legião de torcedores: a tricolor “Nação” que nunca decepcionou o clube. Desde o início, em 1931, até a maior glória de duas vezes conquistar o altamente competitivo Campeonato Brasileiro, até a queda para a baixíssima Terceira Divisão Nacional, quando ‘a Nação’ sofreu, mas nunca perdeu a paixão e a fé. ‘Bahêa Minha Vida’ é mais que uma história de futebol, é também uma história de amor.” (CAVALCANTE, 2011). Disponível em: <https://youtu.be/gVA2FMrIhBo>. Acesso em: 29 dez. 2023.

arquibancada do anel superior, de onde sete torcedores despencaram de uma altura de cerca de vinte metros. O estádio, que já havia sido considerado o pior do país entre 29 avaliados – conforme relatório do Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia (Sinaenco) – recebia 60 mil pessoas no dia do acidente que, tragicamente, marcou o retorno do Bahia à Segunda Divisão.⁶

Vale lembrar que, em 2005, quando o Bahia cai para a Terceira Divisão do Campeonato Brasileiro – emendando uma sequência desastrosa que vinha desde 2003, quando o clube foi rebaixado para a Série B sendo goleado por 7 a 0 pelo Cruzeiro na última rodada do torneio nacional⁷ – o rival Vitória também despencou para a “Terceirona”, uma temporada depois de ser rebaixado à Série B em 2004. Naquele 2005, 22 clubes disputariam a “Segundona”, sendo os seis últimos rebaixados – por ironia do destino, a quinta e a sexta vaga couberam justamente à dupla BaVi⁸. No entanto, o Vitória retornou para a Segunda Divisão já em 2006, ao contrário do Bahia, que só conseguiu retornar à Série B em 2007, ocasião do fatídico acidente. O retorno à Série A, por sua vez, se deu apenas em 2010. Um texto do jornalista Marcelo Barreto (2010) narra o acesso tricolor à primeira divisão, passando por todos os percalços que incluíram os rebaixamentos em sequência, a permanência na Série C e o acidente na Fonte Nova:

Tenho uma simpatia pelo tricolor da Boa Terra que vem dos tempos de criança. Gostava do uniforme, dos Ba-Vis, do ponta-direita Osni. Nos Gols do Fantástico, as cores das imagens que vinham de Salvador pareciam mais vivas e a rede da Fonte Nova demorava mais tempo a estufar. O Bahia, para mim, sempre foi um grande. E eu o vi mostrar essa grandeza a todo o Brasil em 1988, com a elegância sutil de Bobô que inspirou o verso de Caetano Veloso. (Aliás, esse título tem uma história que merece parênteses. Um conhecido jornalista do Rio de Janeiro, cobrindo a semifinal em Salvador, dizia a todos os motoristas de táxi, imitando a forma local de pronunciar o nome do time: “A

⁶ O acidente na Fonte Nova em 2007 é a maior tragédia já ocorrida em um estádio de futebol no Brasil. Em 24 de novembro de 2017, dez anos após o ocorrido, o *globoesporte.com* divulgou uma reportagem especial em vídeo relembrando a data com seis pessoas que, de alguma forma, vivenciaram a tragédia. (SANTANA; PEREIRA, 2017). Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/noticia/abriu-um-clarao-10-anos-depois-tragedia-da-fonte-nova-contada-por-quem-estava-la.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.

⁷ A queda do Bahia para a Segunda Divisão após perder de 7 x 0 para o Cruzeiro está narrada em matéria do *Globo Esporte* de dezembro de 2003, a qual descreve também os recordes batidos pelo Cruzeiro naquela edição do nacional. (GLOBO ESPORTE, 2003). Disponível em: <https://ge.globo.com/video/em-2003-cruzeiro-goleia-bahia-por-7-a-0-no-campeonato-brasileiro-1558574.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.

⁸ A queda simultânea de Bahia e Vitória para a Terceira Divisão está narrada em matéria do *Globo Esporte* de setembro de 2005. (GLOBO ESPORTE, 2005). Disponível em: <https://ge.globo.com/video/em-2005-bahia-e-vitoria-sofrem-com-rebaixamento-para-a-terceirona-2128493.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2023.

imprensa carioca está com o Baêa!” Foi uma estratégia bem-sucedida para atrair a simpatia dos soteropolitanos, até a corrida em que o taxista respondeu: “(Piiii)-se, eu sou Vitória!”). Então, aproveitou para dizer que gostar do “Baêa” não é desmerecer o Vitória. É que o rubro-negro está onde merece, entre os grandes. Enquanto isso, o tricolor sofre o mais longo afastamento da Série A entre os times mais tradicionais do Brasil. [...] Nessa acidentada trajetória, o tricolor perdeu jogos, perdeu a Fonte Nova (interditada por causa de um acidente num jogo em que conseguiu o acesso à Série B), perdeu credibilidade, mas não perdeu a torcida. Ao longo de uma década infeliz – em que não conseguiu se impor sequer no âmbito regional, conquistando apenas um Campeonato Baiano – ficou claro que os torcedores eram seu maior patrimônio. Os gritos de “Baêa!” encheram estádios até na Série C. (BARRETO, 2010, s/p.).

A versão completa desse texto está disponível no site oficial do Bahia, tamanha a repercussão que a coluna do jornalista Marcelo Barreto – escrita originalmente em seu blog – alcançou entre os tricolores. O texto é narrado pelo próprio Barreto no *take* de encerramento do documentário *Bahêa Minha Vida* aqui citado. Em entrevista concedida à autora deste artigo, Barreto conta sobre a repercussão da coluna: “Não sei se foi o texto que eu escrevi que mais repercutiu até hoje, mas certamente foi um deles. Eu fiquei muito surpreso com aquilo. E quando vieram na minha casa gravar o documentário eu falei: ‘Gente, mas é pra tanto?!’” (BARRETO, 2022, s/p.). O jornalista diz que, absolutamente, não previa toda essa identificação da torcida do Bahia com o material, e explica que a história por trás dessa coluna é curiosa, já que a sugestão de escrever sobre a Série B foi dada pelo colega que o ajudava em seu blog, fazendo as metrificações de audiência:

Ele falou assim: “Olha, cê tem que escrever no sábado... sábado tem medições de audiência...” – essas coisas da internet que eu não sei como é que funciona, mas ele é que era o jovem lá da história, que dizia: “Olha, no sábado tem o engajamento, as pessoas veem, não sei o que, tem que escrever no sábado...” – eu falei: “Mas sábado é o dia da Série B.”; “Então escreve alguma coisa sobre a Série B!”; “Tá bom.” Aí eu olhei como tava a Série B, vi que o Bahia tava pra subir e me lembrei do episódio do time sendo recebido com festa depois de ganhar um jogo, sei lá, muito antes do fim do campeonato. Não era o jogo da classificação, mas, assim, a torcida já tava tão no espírito de que o time vai subir, que eu falei: “É, aquela festa foi impressionante!” Vamos escrever isso. Vou escrever sobre o Bahia. E aí comecei a falar de identificações que eu tinha com o Bahia. (BARRETO, 2022, s/p.).

Barreto conta ainda que, devido ao sucesso da coluna, chegou a receber um pré-convite para subir no trio-elétrico que comemoraria o Acesso tricolor: “Mas aí não dá, aí passa da relação de jornalista. Mas também o convite não se oficializou.” (BARRETO, 2022, s/p.). Quanto aos motivos que justificam a grande repercussão de seu texto na imprensa baiana e, claro, na torcida tricolor –

chegando até mesmo a integrar o site oficial do Bahia – Barreto associa o sucesso da coluna ao fato de o torcedor ver o próprio time representado pela mídia hegemônica: “Eu acho que teve um pouco disso, sabe? Alguém, de lá do centro, de onde eles só falam deles mesmos, resolveu olhar pra cá com um olhar de empatia.” E conclui: “De alguma forma, parece que eu consegui traduzir o sentimento do torcedor do Bahia. E foi uma coisa instintiva, porque foi sem conversar com eles. Atingiu um nervo ali.” (BARRETO, 2022, s/p.). Ainda quanto a essa sensação de pertencer a um clube que pouco repercute na mídia hegemônica, Barreto chama atenção – agora no documentário *Bahêa Minha Vida* – para a maneira com que o torcedor do Bahia se comunica, utilizando o esporte como um dos meios de se definir: “Quando você diz ‘eu sou Bahia’, isso te posiciona como ser humano, como cidadão baiano, como cidadão de Salvador. Acho que essa talvez seja a mágica essencial do futebol.” (BARRETO, 2011, s/p.).

Inclusive, sobre a referência à pronúncia “Bahêa” no título do documentário – que é o modo como os tricolores chamam o clube – o jornalista soteropolitano João Carlos Teixeira Gomes explica que a distorção é proposital: “Há uma distorção da prosódia, da maneira de pronunciar a palavra na ênfase que cê dá, por isso fica essa coisa bonita: Bahêêêê. É o prolongamento da emoção. ‘Bahêêêê’, pra transmitir a vibração, a emoção profunda de ser tricolor.” (GOMES, s/p., 2011). Ainda segundo Gomes, essa seria mais uma forma de o torcedor demonstrar pertencimento ao clube, algo explícito nas cores da agremiação e no próprio nome da equipe, conforme Barreto (2011) já havia salientado. Nas palavras de Gomes: “O Bahia tem as cores da Bahia – vermelho, azul e branco. O Bahia tem o nome da Bahia. O Bahia é a Bahia também.” (GOMES, s/p., 2011). No mesmo documentário, o torcedor Marcos Carneiro corrobora essas perspectivas em narrativa clubística, tirando sarro do rival: “Eu não me lembro de nenhuma outra palavra que o baiano troque o ‘i’ pelo ‘e’. Só o Bahêa mesmo. Até nisso o Bahêa é exclusivo!” (CARNEIRO, s/p., 2011).

Considerações finais

Nesta breve discussão que analisou como componentes de rivalidade e popularidade se entrelaçam discursivamente na história dos principais clubes baianos, cabe ressaltar alguns aspectos que influenciaram a consolidação dos estereótipos de time de povo e time da elite associados respectivamente à Bahia

e Vitória. Um desses aspectos é que, já nos primórdios da fundação dos clubes, o embate entre o profissionalismo do Bahia e o amadorismo do Vitória estabeleceu as bases que justificam, ainda que num contexto histórico característico, as narrativas antagônicas socialmente construídas em torno do perfil socioeconômico de cada clube, considerando-se que, nos primórdios do futebol no Brasil, somente a elite poderia “se dar ao luxo” de praticar um esporte por “amor” no país, ou seja, de forma amadora, sem a preocupação de que isso lhe rendesse sustento.

Aqui cabe ainda ponderar, para problematizações em pesquisas futuras, um fator que também ressignifica o que se pode entender por “time da elite” no Brasil atualmente, considerando-se, sobretudo, o processo de “arenização” dos estádios de futebol, do qual a Arena Fonte Nova, “casa” do Esporte Clube Bahia, é parte intrínseca. Conforme já apontava o geógrafo Gilmar Mascarenhas em seus trabalhos sobre territorialidade e futebol, essa nova configuração dos estádios brasileiros é algo que vai na contramão da cultura popular da modalidade, com o intuito de privilegiar “o espectador pós-moderno, com mais dinheiro e menos identificação e paixão pelo clube, mero consumidor do espetáculo” (MASCARENHAS, 2013, p. 156).

Outro aspecto importante nessa contextualização das narrativas de time do povo e time da elite dialoga com o conceito de “tradições inventadas” que, conforme sugerido na introdução deste artigo, mostra porque não se deve generalizar tais discursos, algo que comumente é feito não só pelo jornalismo esportivo, mas também pelo próprio marketing dos clubes, por seus dirigentes e pela cultura torcedora. Afinal, se nos primórdios do futebol ser um “time da elite” significa ser bem visto e aceito socialmente, hoje em dia os clubes empenham esforços para não se atrelarem a narrativas discriminatórias. Um exemplo disso vem do próprio Esporte Clube Bahia, cujo marketing se engaja frequentemente em discursos contra racismo, homofobia e violência de gênero, como aconteceu na campanha lançada em março de 2024 pelo fim da cultura do estupro⁹, em referência ao crime cometido em 2022 pelo jogador Daniel Alves, que nasceu em Juazeiro e se profissionalizou pelo Bahia. Inclusive, com a repercussão do caso

⁹ GLOBO ESPORTE. Primeiro clube de Dani Alves, Bahia lança campanha contra "cultura do estupro" no Dia da Mulher, *Globo Esporte*, Salvador, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/2024/03/08/primeiro-clube-de-dani-alves-bahia-lanca-campanha-contracultura-do-estupro-no-dia-da-mulher-assista.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2024.

Daniel Alves na mídia, tricolores de Juazeiro exigiram que a prefeitura retirasse de praça da cidade uma estátua erguida em 2020 em homenagem ao jogador.¹⁰

Com esse fato, convém retomar o já citado documentário *Bahêa Minha Vida*, no qual o jornalista Juca Kfourri também chama atenção para os posicionamentos de torcedores do Bahia a partir da narrativa de popularidade do clube: “A dimensão do Bahia, sem nenhum exagero, é dimensão dos grandes. É uma dimensão de paixão que até alguns grandes não têm. Têm a torcida, têm a tradição, têm os títulos, têm a história, mas não têm o vínculo popular que o Bahia tem.” (KFOURI, 2011, s/p.). Esse depoimento, cabe ressaltar, é ilustrado por um *take* de Luiz Caldas – cantor, compositor e multi-instrumentista natural de Feira de Santana – no qual ele está vestido com uma camisa tricolor estampada com a palavra “Povão”. Juca Kfourri, em entrevista concedida à autora deste artigo, relembra a “Passeata dos 50 mil”¹¹ – um protesto realizado pelos torcedores do Bahia em 2006 contra a diretoria do clube – para explicar como esses vínculos de popularidade do tricolor se estabeleceram no decorrer dos anos:

A torcida do Bahia é a única torcida na história do futebol brasileiro que levou o clube a fazer uma revolução política e a democratizar suas estruturas. Foram 50 mil pessoas pra praça Castro Alves num belo sábado à tarde! E acabaram com uma dinastia que existia no Bahia – estimulada pelo ACM [Antônio Carlos Magalhães], com gente dele – e democratizaram as eleições no clube e tomaram o clube. Nenhuma outra torcida fez isso. A do Flamengo não fez. A do Corinthians não fez. Nenhuma fez. A torcida do Bahia fez. Então, é por aí que eu me apaixonoo pelo Bahia. (KFOURI, 2022, s/p.).

O convite igualmente apaixonado do compositor baiano Dorival Caymmi na canção *Você já foi à Bahia?*, lançada em 1940, dialoga com o trecho da obra de Jorge Amado de 1945 que introduz este artigo, também convidando o interlocutor a conhecer o cotidiano da capital baiana descrito a partir de personagens soteropolitanos – ilustres ou anônimos – e da geografia do município. Os esplendores de Salvador e a denúncia das mazelas e contrastes da cidade dividem as mesmas páginas na obra de Amado. Conforme consta em sinopse (AMADO, 2012, s/p.): “da arte dos mestres da capoeira ao misticismo dos

¹⁰ GLOBO ESPORTE. Prefeitura recolhe estátua de Daniel Alves na cidade de Juazeiro, *Globo Esporte*, Salvador, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/noticia/2024/04/29/prefeitura-recolhe-estatuade-daniel-alves-na-cidade-de-juazeiro.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2024.

¹¹ A “Passeata dos 50 mil”, realizada em 2006, reuniu cerca de 50 mil torcedores do Bahia em protesto contra a diretoria do clube, sob o slogan “Devolvam o meu Bahia!” Esse movimento foi um dos embriões do processo de democratização do Esporte Clube Bahia, que se consolidaria ao longo dos próximos anos, culminando em 2013 com a aprovação em Assembleia Geral de seu novo Estatuto. O documento, aprovado pelos associados do clube, regulamentou eleições diretas para presidente da agremiação e a formação de um Conselho Deliberativo proporcional ao número de votos de cada chapa.

terreiros de candomblé, dos pequenos crimes dos ‘capitães da areia’ à dura poesia dos pescadores e mestres de saveiros, da universidade às festas religiosas e pagãs”, a narrativa posiciona a capital baiana no mapa do Brasil, dando vida à cidade e ao “povo” de Salvador – e aqui pouco importa se identificados com Bahia ou Vitória, já que ambas as agremiações são parte indissociável da memória histórica da cidade e fazem valer a visita. Portanto, retomando a pergunta retórica de Caymmi: se você ainda não foi à Bahia, então vá.

Referências

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios de Salvador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARRETO, Marcelo. Depoimento em: CAVALCANTE, Márcio. *Bahêa Minha Vida*. Salvador: Movimento Filmes, 2011.

BARRETO, Marcelo. *Entrevista concedida à Thalita Neves*. Rio de Janeiro, 8 nov. 2022.

CARNEIRO, Marcos. Depoimento em: CAVALCANTE, Márcio. *Bahêa Minha Vida*. Salvador: Movimento Filmes, 2011.

CARNEIRO, Raphael. *Ba x Vi: uma paixão sem limites*. Editora Plus: Salvador, 2009.

CAVALCANTE, Márcio. *Bahêa Minha Vida*. Salvador: Movimento Filmes, 2011. Disponível em: <https://youtu.be/gVA2FMrIhBo>. Acesso em: 29 dez. 2023.

FERREIRA, Marcelo. Democratização da Gestão e Governança Corporativa no Futebol Brasileiro - Um Estudo de Caso sobre o Esporte Clube Bahia. *Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE)*. São Paulo, v. 4, p. 1-18, n. 2, 181-198, 2019.

GLOBO ESPORTE. Cruzeiro goleia Bahia por 7 x 0 no Campeonato Brasileiro, *Globo Esporte*, Salvador, 14 dez. 2003. Disponível em: <https://ge.globo.com/video/em-2003-cruzeiro-goleia-bahia-por-7-a-0-no-campeonato-brasileiro-1558574.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.

GLOBO ESPORTE. Bahia e Vitória sofrem com rebaixamento para a terceira, *Globo Esporte*, Salvador, 10 set. 2005. Disponível em: <https://ge.globo.com/video/em-2005-bahia-e-vitoria-sofrem-com-rebaixamento-para-a-terceirona-2128493.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.

GLOBO ESPORTE. Primeiro clube de Dani Alves, Bahia lança campanha contra "cultura do estupro" no Dia da Mulher, *Globo Esporte*, Salvador, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/2024/03/08/primeiro-clube-de-dani-alves-bahia-lanca-campanha-contracultura-do-estupro-no-dia-da-mulher-assista.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2024.

GLOBO ESPORTE. Prefeitura recolhe estátua de Daniel Alves na cidade de Juazeiro, *Globo Esporte*, Salvador, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/noticia/2024/04/29/prefeitura-recolhe-estatua-de-daniel-alves-na-cidade-de-juazeiro.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2024.

GOMES, João. Depoimento em: CAVALCANTE, Márcio. *Bahêa Minha Vida*. Salvador: Movimento Filmes, 2011.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KFOURI, Juca. Depoimento em: CAVALCANTE, Márcio. *Bahêa Minha Vida*. Salvador: Movimento Filmes, 2011.

KFOURI, Juca. *Entrevista concedida à Thalita Neves*. São Paulo, 8 set. 2022.

LEANDRO, Paulo. *O jornalista e o cartola: perfil do jornalismo esportivo impresso na Bahia e sua resistência ao campo da política*. 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

LEANDRO, Paulo. *Ba-Vi: da assistência à torcida. A metamorfose nas páginas esportivas*. 2011. 168 f. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Cidades*. Rio Claro, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.

PARKINSON, Gary. FourFourTwo's 50 Biggest Derbies in the World, *fourfourtwo.com*, London, 25 abr. 2016. Disponível em: <https://www.fourfourtwo.com/features/fourfourtwos-50-biggest-derbies-world>. Acesso em: 29 dez. 2023.

PEREIRA, Jovino. *Futebol, de esporte amador a negócio de entretenimento e lazer em uma sociedade midiaticizada*. 2003. 283 f. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SANTANA, Rafael; PEREIRA, Thiago. “Abriu um clarão”: 10 anos depois, tragédia da Fonte Nova contada por quem estava lá, *globoesporte.com*, Salvador, 24 nov. 2017. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/noticia/abriu-um-clarao-10-anos-depois-tragedia-da-fonte-nova-contada-por-quem-estava-la.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.

SILVA, Murilo. *Razões econômicas para o desempenho dos clubes: o caso do E. C. Vitória e do E. C. Bahia*. 2007. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas), Universidade Federal da Bahia, 2007.

SILVA, Raimundo. Depoimento em: CAVALCANTE, Márcio. *Bahêa Minha Vida*. Salvador: Movimento Filmes, 2011.

TRINDADE, Andrea. IBGE-BA: Salvador é a capital mais negra do Brasil e com a maior desigualdade salarial entre brancos e pretos, *Acorda Cidade*, Salvador, 19 nov. 2018. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/ibge-ba-salvador-e-a-capital-mais-negra-do-brasil-e-com-a-maior-desigualdade-salarial-entre-brancos-e-pretos/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

VICO, Marcello; RODRIGUES, Rodolfo. O primeiro campeão do Brasil, *Uol Esporte*, São Paulo, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/taca-brasil-a-historia-do-bahia-campeao-brasileiro-de-1959/>. Acesso em: 29 dez. 2023.